

# O vice-presidencialismo

■ O melhor que se pode esperar do século XXI é que o Brasil finalmente entre no século XX

Luiz Felipe de Alencastro

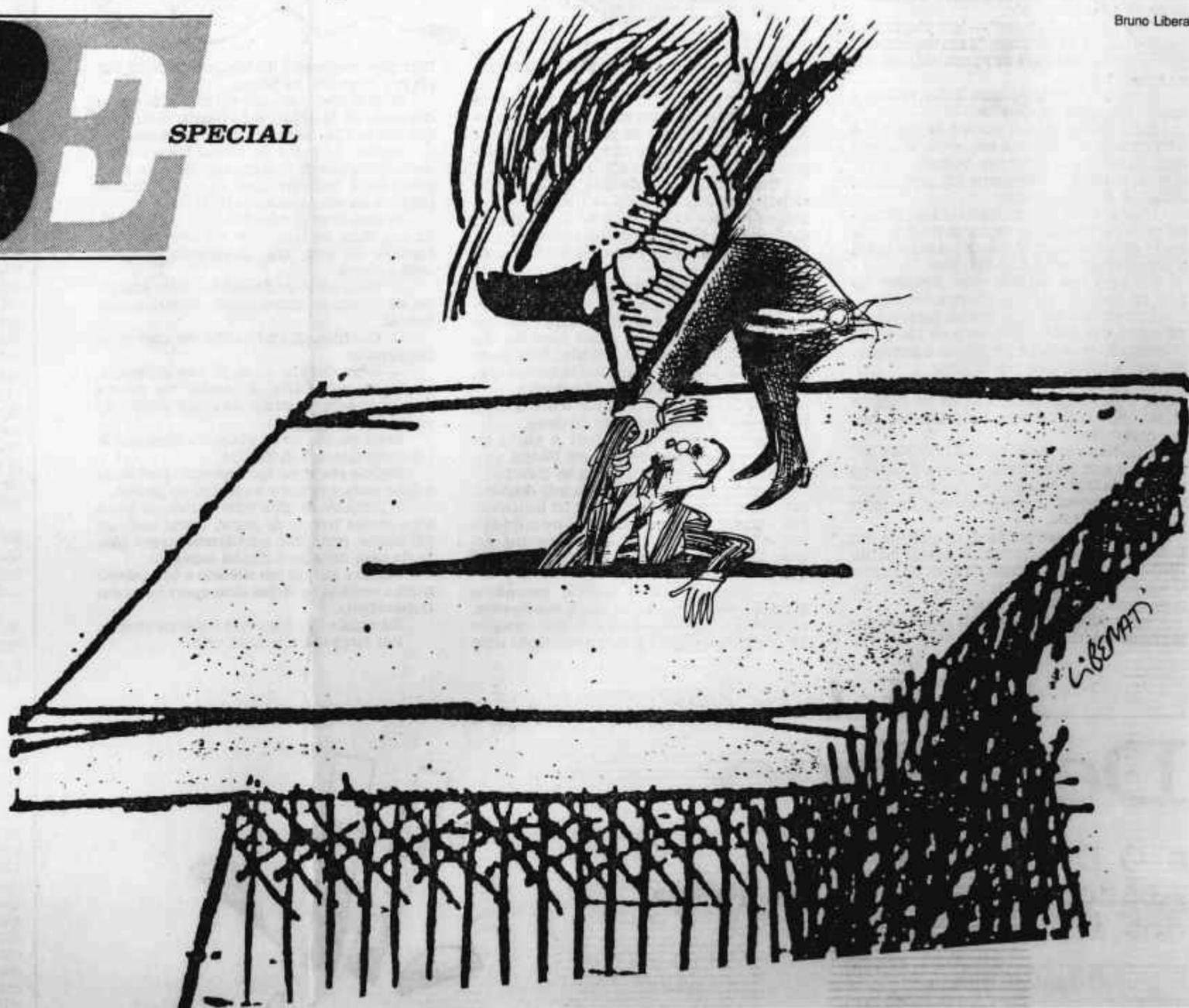
Uma das conseqüências nefastas do malogro parlamentarista na Constituinte foi o esvaziamento da discussão sobre a forma de governo e, mais especificamente, sobre as virtualidades próprias ao regime presidencialista. Mal pensada e pior executada, a campanha parlamentarista partia de um postulado aloprado: só pode haver democracia no Brasil se tivermos um sistema de governo igual ao da França. Desde logo, o presidencialismo aparecia como um regime bárbaro, ultrapassado, irrecuperável. Ocorre que vamos lidar nas próximas eleições, e talvez durante muito tempo ainda, com esse regime vituperado. Os tucanos, parlamentaristas convictos, estão correndo para candidatar-se aos executivos municipais e estaduais. Não poderia ser de outro jeito, e o reforço do PSB pressupõe, paradoxalmente, o reforço da lógica presidencialista embutida no sistema político atual.

Por isso é preciso pôr em relevo uma inovação institucional decisiva para o aperfeiçoamento de nosso presidencialismo: a eleição em dois turnos. Parece óbvio que essa medida vai desempestear nossa vida política. O primeiro turno permitirá uma grande diversidade de candidaturas e de pontos de vista. O segundo turno dará lugar a um embate de idéias, de programas partidários, de alianças políticas claramente definidas. Assim, os candidatos derrotados no primeiro turno, que dispuserem de uma máquina partidária e da durável confiança de seus eleitores, pesarão fortemente sobre os dois candidatos que disputam o segundo turno. Os partidos e candidatos só terão cacife político, só poderão negociar alianças, se conseguirem fidelizar seus eleitores durante os dois turnos. Nossa vida partidária será reativada, será reforçada. Não é pouca coisa, a essa altura do campeonato, quando nos debatemos nas vascas do fisiologismo.

Cabe entretanto ponderar que a eleição em dois turnos, com um mês de intervalo entre o primeiro e o segundo turno, é um jogo complexo que nunca foi jogado no Brasil. Para agüentar a corrida de um turno ao outro, após semanas de pré-campanha, será preciso esquentar as máquinas partidárias, azeitar alianças, dosar corretamente os gastos eleitorais e a disposição dos militantes etc., mas existem ainda outros complicadores. Poucos países têm um sistema eleitoral de dois turnos e um número menor de países possui um posto de vice-presidente eleito. Salvo erro, o Brasil será o único país que terá as duas coisas juntas. A primeira con-

# B

SPECIAL



Bruno Liberati

seqüência disso é que os vice-prefeitos das cidades onde houver dois turnos, os vice-governadores e o vice-presidente, vão desaparecer do mapa político. Desde 1946, a escolha do vice constitui a etapa onde se concretizam as alianças e as opções partidárias potencializadoras das candidaturas a prefeito, governador e presidente da República. Isso tinha sentido na eleição com um turno só. Com os dois turnos o jogo é outro. A etapa decisiva da materialização das alianças políticas sempre ocorrerá após o primeiro turno. Os candidatos concorrendo no segundo turno da eleição presidencial estabelecerão suas alianças somente após avaliarem a posição política e o número de votos que os outros candidatos obtiveram no primeiro turno. Nessa al-

tura o vice será uma bananeira que já deu cacho, pois no primeiro turno já puxou todos os votos que podia ter puxado. Na campanha do segundo turno, sua atuação não ajudará mais o candidato. Poderá até mesmo atrapalhá-lo nas suas negociações com os candidatos derrotados no primeiro turno. Esse raciocínio aplica-se igualmente às eleições de dois turnos para prefeito e para governador. Tudo poderá entrar nos eixos se a legislação for modificada para que o vice possa ser escolhido entre os dois turnos. Todavia nem o defeito foi percebido, nem o conserto está a caminho.

Pasma então que a classe política continue a se comportar como dantes, disputando inadvertidamente o posto de vice-prefeito, vice-

governador, vice-qualquer coisa. Frequentemente aparecem na televisão candidatos que prometem a tal e tal companheiro o posto de vice. No dia seguinte aparece o indigitado vice, sorrindo, enrubescido, lisonjeado. O espetáculo é meio ridículo: o indigitado mostra biceps de senador, mas não sabe que a canoa está furada. Outro ponto que ilustra a incompreensão do mecanismo dos dois turnos, e o atraso de nossa vida política, são as repetidas sondagens eleitorais para a presidência da República que trabalham só com o primeiro turno. A ordem de chegada dos candidatos no primeiro turno conta pouco, o que vale é o afrontamento bipolar entre os dois candidatos que disputarão o segundo turno. Toda sonda-

gem com um mínimo de seriedade deveria levar em conta esse fato e incorporar nos questionários o embate final: se Fulano enfrentasse Beltrano, como você votaria? E se fosse Beltrano contra Sicrano? E assim por diante.

O sistema eleitoral de dois turnos ajudará a corrigir os defeitos de nosso presidencialismo, de nossos partidos e introjetará maior maturidade na vida política nacional. Mas nada dará certo enquanto a atitude de nossos dirigentes nos fizer pensar que o melhor que se pode esperar do século XXI é que o Brasil finalmente entre no século XX.

Luiz Felipe de Alencastro é historiador, pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), de São Paulo, e professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)